

A CARIDADE DA DIVULGAÇÃO DA VERDADE a missão do Brasil



Juscelino Kubitschek
Luiz Guilherme Marques
(médium)

“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”
(Jesus Cristo)

“Divulgar a Verdade, a que se referiu Jesus, é uma das mais importantes formas de Caridade.”
(anônimos)

“A verdade mais necessária para o atual momento histórico da humanidade da Terra é o desenvolvimento do poder mental no Bem.”
(anônimos)

“E a vida continua!”
(Juscelino Kubitschek)

ÍNDICE

Esclarecimento sobre a imagem da Capa

Introdução

Capítulo I – Virtudes do povo brasileiro

1 – Humildade

2 – Simplicidade

3 – E o desapego?

Capítulo II – Missão

1 – Testemunhar a vida após a morte

2 – Exemplificar a mediunidade com Jesus

Capítulo III – Itens a serem aprimorados

1 – Respeito ao Direito

2 – Amor à Ciência

3 – Amor à Filosofia

4 – Amor à Arte erudita

5 – Amor ao trabalho

6 – Amor à Educação

7 – Amor à História

8 – Amor à Cultura

9 – Respeito ao dever

10 – Respeito à disciplina

11 – Respeito à honra

12 – Respeito aos anciãos

13 – Respeito às tradições milenares

Conclusão

Nota do livro “*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*”, de Humberto de Campos

Nota do livro “*A Caminho da Luz*”, de Emmanuel

ESCLARECIMENTO SOBRE A IMAGEM DA CAPA

Trata-se do “*Mapa Mundi*” desenhado por Andrea Bianco, datado de 1448, onde ele procura retratar, inclusive, as Ilhas Brasil.

INTRODUÇÃO

Quando Jesus afirmou: *“Meu Reino não é deste mundo”* não estava querendo dizer que não considerava importantes as realizações materiais, mas sim que as criaturas devem se espiritualizar, pois que são Espíritos e não corpos e, mesmo assim, a preferência pela materialidade ainda continua sendo o objetivo da maior parte da humanidade terrestre.

Todavia, viemos, em Nome do Divino Pastor da humanidade da Terra, dar nosso testemunho da sobrevivência do Espírito à morte do corpo, bem como destacar a missão do Brasil no concerto das nações, mostrando, com base em afirmações de Francisco Cândido Xavier, suas virtudes e aqueles pontos que ainda devem merecer atenção, a fim de tornar-se o Brasil um país modelo para os outros povos, sem, com isso, querermos dizer que seja melhor do que as outras nações, mas a verdade é que tem uma tarefa específica na área da espiritualização da humanidade, precisando, todavia, aperfeiçoar-se, principalmente, na sua organização material, para melhor cumprir seu mandato, pois é importante que se conjuguem os fatores espirituais e os materiais para que um povo seja útil aos outros, mas seja bom para consigo próprio, o que exige uma certa organização interna.

Pretendemos abordar as questões constantes do índice acima, como dito, todas versadas pelo grande missionário de Jesus, assim contribuindo para com os nossos irmãos brasileiros no cumprimento da missão desta nacionalidade.

Extraímos essas questões da entrevista de Francisco Cândido Xavier a Geraldo Lemos Neto, divulgada por Marlene Nobre no jornal *“Folha Espírita”*, no. 439, de maio de 2011:

“Vejam, por exemplo: os norte-americanos podem nos ensinar o respeito às leis, o amor ao direito, à ciência e ao trabalho. Os europeus, de uma forma geral, poderão nos trazer o amor à filosofia, à música erudita, à educação, à história e à cultura. Os asiáticos poderão incorporar à nossa gente suas mais altas noções de respeito ao dever, à

disciplina, à honra, aos anciãos e às tradições milenares. E, então, por fim, nós brasileiros, ofertaremos a eles, nossos irmãos na carne, os mais altos valores de espiritualidade que, mercê de Deus, entesouramos no coração fraterno e amigo de nossa gente simples e humilde, essa gente boa que reencarnou na grande nação brasileira para dar cumprimento aos desígnios de Deus e demonstrar a todos os povos do planeta a fé na Vida Superior, testemunhando a continuidade da vida além-túmulo e o exercício sereno e nobre da mediunidade com Jesus”.

Pedimos a bênção de Deus para o nosso trabalho e o povo brasileiro, bem como manifestamos a Jesus nossa gratidão por estarmos trabalhando entre Seus ministros, utilizada esta palavra no sentido de servidores em prol do bem comum.

CAPÍTULO I – VIRTUDES DO POVO BRASILEIRO

Quem teve a oportunidade de ler os livros “*A Caminho da Luz*”, de Emmanuel, e “*Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*”, de Humberto de Campos, pode verificar que cada povo, como cada individualidade espiritual, tem sua tarefa definida no conjunto dos seres criados por Deus.

O Brasil recebeu de Jesus, Sublime Governador da Terra, na pessoa do Guia Espiritual Ismael, a missão de ser o celeiro espiritual da Mensagem do Evangelho, que deve ser difundida por toda a humanidade terrestre.

Para isso, transplantou-se a *Árvore Luminosa*, que dará frutos cada vez mais saborosos e nutrientes das verdades espirituais, para as terras do *Cruzeiro do Sul*.

Missionários das antigas lides do Cristianismo reencarnaram no solo brasileiro, como Bezerra de Menezes, Joanna de Ângelis, Francisco Cândido Xavier, Eurípedes Barsanulfo e muitos outros.

Todavia, se há muitos missionários que deram seu sangue espiritual em favor da propagação do Evangelho no Brasil, com vistas a divulgar-se pelo mundo todo, é necessário que outros trabalhadores deem sua cota de contribuição, pois “*uma andorinha só não faz verão*” e o trabalho é em equipe e não apenas dos elevados Espíritos encarregados de tarefas macroscópicas.

Temos de contribuir, mesmo que nossa expressão no conjunto seja aparentemente diminuta, pois é a soma de cada elo da corrente que a faz quilométrica e circunde toda a Terra.

Ninguém se julgue diminuto, pois Jesus não dispensou o auxílio do cireneu, para carregar Sua cruz de sofrimentos, tanto quanto não considera dispensável o trabalhador que colabora no serviço mais humilde.

Demos as mãos uns aos outros, pois cada um contribui com aquilo que pode, mas o que vale é colocar o coração nas mãos e o no pensamento e trabalhar para o cumprimento da tarefa que o povo humilde e simples do Brasil tem de

desempenhar, na exemplificação para o mundo, que precisa de paz e desvinculação dos valores puramente materiais, enxergando em Jesus o Sol Planetário no sentido espiritual, pois que é o “*Caminho, a Verdade e a Vida*”.

1 – HUMILDADE

Enquanto que há povos imperialistas, sequiosos de domínio sobre outras nacionalidades, seja econômica, seja política ou militarmente, o Brasil apenas litigou militarmente contra outros povos em ocasiões raras, como durante o Segundo Império e as duas Grandes Guerras de 1914 e 1939, e, quanto à Economia e à Política, nunca se impôs ilicitamente aos outros países, pois que vem respeitando o princípio da auto determinação dos povos, defendido com firmeza pelo grande missionário do Direito Rui Barbosa, principalmente na Conferência de Haia, na qual clarinou a igualdade absoluta entre os povos, sejam eles prósperos ou sofridos em termos de oportunidades materiais.

A humildade do povo brasileiro é percebida por todas as outras nacionalidades, tanto que os estrangeiros aqui são recebidos de braços abertos, se comparada sua situação com a de outros países, em que não conseguem um tratamento humanitário, apesar das múltiplas promessas de Direitos Humanos registradas em leis e regulamentos.

Há, sim, países em que os estrangeiros são maltratados, quando não estigmatizados e perseguidos, ao contrário da nação do Cruzeiro do Sul, que, debaixo da bênção da Cruz Estelar de Jesus, acolhe todos os irmãos de outras plagas, integrando-os ao seu número de cidadãos, como se aqui tivessem visto a luz pela primeira vez.

Essa é a virtude máxima dos brasileiros, que acabaram sendo uma mistura sagrada das raças branca, negra, amarela e vermelha, formando, inclusive, um tipo biológico diferenciado, com negros de olhos verdes, brancos de cabelos encarapinhados, vermelhos claros e amarelos com olhos menos amendoados.

Santa humildade, que permite, sem traumas, essa miscigenação não igualada em nenhum outro ponto do planeta.

Uma ou outra atitude racista ou discriminatória morre no abraço de amizade de milhões de irmãos que olham com

olhos de carinho e amor todos os que aqui nasceram ou vieram depois de viver em outras terras.

Continuemos a exemplificar para o mundo a grande lição da humildade, que é o único antídoto com a morbidade do orgulho racial ou de nacionalidade.

Continuemos miscigenando-nos e acolhendo os estrangeiros de todas as cores, idiomas, culturas e formemos uma nação cada vez mais caracterizada pela hibridez, porque isso é o Amor Universal, que Jesus ensinou pessoalmente e vem enviando novos e mais numerosos emissários para ensiná-lo.

2 – SIMPLICIDADE

A simplicidade é o estado de espírito daqueles que não pretendem deixar marcas da sua trajetória na História do mundo, mas naturalmente vivem o dia a dia de trabalho, realizações e crescimento espiritual.

Até os notáveis do nosso Brasil pouca repercussão encontram a nível de destaque mundial, tanto que, por exemplo, Rui Barbosa, um dos mais importantes juristas de todos os tempos, caiu quase no esquecimento depois do brilho meteórico de Haia; Dom Pedro II, monarca exemplo e modelo para toda a humanidade, foi ofuscado pela virulência e vaidade de Napoleão e outros ditadores coroados; Francisco Cândido Xavier deixou de ser lembrado para o Prêmio Nobel em favor de muitos que fizeram muito menos que ele e assim por diante.

Ser brasileiro é renunciar à fama internacional, sem nos esquecermos de Alberto Santos Dumont, Carlos Chagas, Oswaldo Cruz, Carlos Gomes, Aleijadinho, Machado de Assis, os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e outros tantos.

De todos nossos gênios, homens e mulheres santificados e heróis, tivemos apenas Pelé como estrela mundial, talvez por um determinismo divino, a fim de mais ainda mostrar ao mundo a simplicidade do povo brasileiro.

Não é por acaso que alguma coisa acontece, e, assim, no meio de guerras, violências terroristas, miséria e morbosidades cada vez mais agressivas, o povo brasileiro vem escrevendo sua história com muitas virtudes, somente toldada por alguns desvios, como o descaso culposo para com a Cultura Indígena, que muito deveria ser valorizada, pois ensina a espiritualização e o amor à Natureza, bem como a valorização da Cultura Africana, para aqui trazida pelos negros escravizados, sobre cujos ombros se ergueu a Economia nacional durante mais de três séculos, estando, até hoje, seus remanescentes sofrendo pela falta de oportunidades

como cidadãos, apesar dos muitos esforços idealistas pela igualdade total.

Mas o Brasil, apesar dessas manchas, serve de farol para a humanidade, como modelo de espiritualização, não só pela Doutrina Kardequiana, mas pelas outras manifestações religiosas, todas respeitáveis, desde os cultos indígenas e africanos aqui desenvolvidos, quanto pelo trabalho dos católicos, evangélicos e das outras tendências religiosas e filosóficas, todas produzindo frutos de muitos benefícios em prol da espiritualização das criaturas.

3 – E O DESAPEGO?

O desapego é a virtude contrária ao defeito moral do egoísmo, sendo que não foi mencionada por Francisco Cândido Xavier como uma das virtudes do nosso povo brasileiro, o que não terá sido mero acaso, mas sim um ponto que necessita ser trabalhado dentro de cada coração, a fim de que sua missão se desenvolva com todas as chances e êxito.

Afinal, de que valem a humildade e a simplicidade sem o desapego em relação às coisas materiais, inviabilizando a espiritualização, porque quem se apega às materialidades não procura as coisas do Céu.

Jesus afirmou que não tinha uma pedra sequer, para recostar a cabeça, com isso ensinando a humanidade a desapegar-se dos interesses materiais para alcançar a espiritualização.

Talvez menos apegado aos bens materiais que muitos outros povos, todavia, para o cumprimento da missão espiritual que Jesus lhe determinou, precisa desligar-se mais ainda das lutas puramente terrenas na conquista das riquezas e benefícios mundanos, a fim de espiritualizar-se e mostrar ao mundo o caminho da espiritualização.

“*A quem muito é dado, muito é pedido*”: também assim disse Jesus e a este povo já inclinado para as coisas de Deus mais ainda se exige em termos de avanço no setor do desinteresse pela materialidade, sem significar que deverá descuidar-se da Educação, da Saúde, da organização estatal, da disciplina, da honestidade e outros setores da vida em coletividade, mas que isso tudo seja realizado com a consciência perfeita de que são valores terrenos, que a morte obrigará a abandonar, pois temos de seguir adiante, como Espíritos eternos, imateriais e destinados à proximidade cada vez maior com Deus.

À indagação formulada neste item temos de responder que, como povo e como individualidades, temos de desenvolver a noção cristã de que os bens materiais não são o mais importante na vida, mas sim “*cumprir a Palavra de*

Deus” no sentido de espiritualização, mesmo muito realizando em benefício da Saúde, Educação, Segurança, Industrialização, Progresso e outros itens indispensáveis à vida no mundo de hoje e do futuro.

CAPÍTULO II – MISSÃO

Os Estados Unidos receberam de Jesus a incumbência de ser o “*cérebro*” do mundo, enquanto que ao Brasil foi dada a incumbência de ser seu “*coração*”.

Sem menosprezar nossos irmãos voltados para a intelectualidade, podemos garantir que “*quem ama está espiritualmente na frente de quem simplesmente sabe*”, não sendo o caso nem dos estadunidenses, nem dos brasileiros, pois nenhum dos dois é simplesmente “*cérebro*” nem apenas “*coração*”, devendo uns aprenderem com os outros e é por isso que adicionamos ao item das duas áreas missionárias do Brasil os pontos que devemos desenvolver para nos aperfeiçoarmos individualmente e como povo.

A missão do Brasil, como povo, é toda espiritual, sendo, por isso, pouco voltado para setores da materialidade, inclusive estando prejudicado por causa de uma certa falta de coordenação dos vários setores de atividade, que precisam trabalhar unidos, visando uma finalidade comum, mas voltada para o aperfeiçoamento humano e não para a exploração econômica sobre os demais povos, nem também para simplesmente transformar a população brasileira em ricos cidadãos materializados, mas sim em propagadores da espiritualização, que, no mundo de regeneração, será voltada para o setor do desenvolvimento do poder mental no Bem e não apenas nas construções terrenas, nas realidades que os olhos percebem e que as mãos tocam.

1 – TESTEMUNHAR A VIDA APÓS A MORTE

Numerosos cientistas demonstraram, com todo o rigor das técnicas de verificação e certificação, principalmente nos séculos XIX e XX, a continuidade da vida após a morte do corpo, estando à disposição dos leitores interessados uma vasta bibliografia em todos os idiomas conhecidos, sem contar as crenças espontâneas dos povos de todos os tempos, repetidas de geração em geração, como é o caso dos tibetanos, dos indígenas, dos africanos em geral e outras culturas.

Todavia, apesar desse acervo todo de informações, grande parte da humanidade ainda duvida, principalmente as nacionalidades europeias, voltadas mais para os trabalhos práticos do que para as reflexões espiritualizantes, bem como os povos por elas colonizados, que acabaram tendo sua cultura nativa lançada no esquecimento, soterrada sob uma montanha e ideias materialistas, sem contar a subjugação violenta e a morte decretada pelos colonizadores, em verdadeiro genocídio, que ficou aparentemente impune, inclusive quanto aos povos das Américas.

No Brasil essas certificações sobre a continuidade da vida “*post mortem*” ocorrem espontaneamente, em todos os quadrantes do território nacional, mas foi Francisco Cândido Xavier o principal veículo da divulgação dessa verdade, que estava abafada pelos dogmas das correntes religiosas de maior prestígio na pátria brasileira, no caso, o Catolicismo e o Protestantismo, sob suas variadas ramificações.

Coube a esse missionário de Jesus congregar, ao seu redor, pela sua humildade e firmeza no cumprimento da sua missão, todas as tendências espiritualizantes, não só espíritas como de outras correntes igualmente voltadas para a certeza da vida após o decesso do túmulo vazio.

Continuem, trabalhadores dessa especialidade missionária, a difundir a certeza de que o Céu é interior e o Inferno também sendo que cada um nasce e renasce inúmeras vezes, evoluindo para uma compreensão mais aperfeiçoada da Verdade, conforme o grau de compromisso que cumpre no

trabalho de Amor Universal e de auto aprimoramento interno.

Não há missão mais nobre que a de viver a Verdade e divulgá-la para melhorar a vida dos seus semelhantes.

Por isso o Brasil se torna, cada vez mais, uma nacionalidade respeitável, uma vez que, consciente da sua missão de Amor Universal, exemplifica a crença inabalável na existência do Espírito e sua perenidade, nunca duvidando de que a morte mata o corpo, mas o Espírito é eterno e retornará ao mundo em novas reencarnações, para continuar se aperfeiçoando.

2 – EXEMPLIFICAR A MEDIUNIDADE COM JESUS

Enquanto que, em muitos outros países, costumam ver-se médiuns até milionários, pois que transformam essa missão em meio de vida, a maioria dos médiuns brasileiros “*dão de graça o que de graça receberam de Deus*”, o que os faz sintonizar com espíritos benfazejos e orientadores realmente integrados no trabalho com Jesus.

A mediunidade com Jesus exige a auto reforma moral, de que falava Allan Kardec, porque não há como um vasilhame mal limpo conservar um alimento sem prejudicá-lo a qualidade.

Desde que a humanidade surgiu na Terra, a mediunidade tem sido uma fonte de esclarecimentos e revelações, bastando dizer, por exemplo, que Jesus se afirmava mero intermediário entre Deus e a humanidade, Moisés recebeu, por via mediúnica, as Tábuas da Lei e Maomé ouvia a Voz que lhe inspirou a elaboração do Corão, sem contar inúmeros outros homens e mulheres que fizeram o contato entre o mundo espiritual e o mundo terreno.

Ninguém está separado dos seus entes queridos por causa da habitação em dimensões diferentes, uma vez que o contato é permanente entre as duas realidades, através do pensamento espontâneo, bem como por meio de pessoas diferenciadas pelo sexto sentido mais desenvolvidos, que Allan Kardec chamou de médiuns e que eram chamadas na Idade Média de bruxos e mais antigamente de iniciados, pitonisas e outros nomes.

Em todas as correntes religiosas e filosóficas há esses homens e mulheres, que funcionam como pontes entre os irmãos com corpo material e os sem corpo material.

Nada há de estranho nesse contato, pois estranhável seria o contrário: se Deus criasse para destruir daí a poucos anos.

Nunca duvidemos da Bondade e da Sabedoria Divinas, que criam seres para a perfeição, através dos milênios sem

fim, passando para mundos mais evoluídos, até o infinito, que se perde na eternidade.

CAPÍTULO III – ITENS A SEREM APRIMORADOS

Como nenhum ser humano terrestre tem todas as qualidades, os povos, que nada mais são do que o conjunto de indivíduos agrupados normalmente por uma certa afinidade, também têm defeitos e virtudes.

Apesar da humildade e da simplicidade que nosso povo tem como características nobilitantes, apresenta pontos fracos, que devem ser trabalhados no coletivo e no singular, quer dizer, como povo e cada homem e mulher de per si.

São caracterizações que Francisco Cândido Xavier, com a bondade da palavra amorosa, mas firme, alertou como tópicos a serem aperfeiçoados, pois, em caso contrário, será o Brasil uma continuidade do que tem mostrado aos estrangeiros: um povo carente de certa organização interna e de certos valores que comprometem suas virtudes.

Assim é que, baseando-nos nos itens relacionados, pelo missionário paciente e amoroso, abordaremos, sem intenção de ferir ninguém, as virtudes ainda faltante no povo do nosso querido Brasil como um todo, mas como reflexo das individualidades que o compõem.

1 – RESPEITO AO DIREITO

Sabemos que no mundo ocidental supervalorizam-se os direitos, muitas vezes em detrimentos dos deveres, enquanto que no Oriente acontece o contrário.

O Direito ganhou foros de cidadania na Roma dos césares, perpetuando-se, com alguns progressos, mas continuando a ser, basicamente, aquilo que os antigos romanos estatuíram.

O Direito Romano é a espinha dorsal do Direito atual da maioria das nações que receberam a influência europeia.

Trata-se do Direito que procura impor deveres aos homens e mulheres ocidentais, amantes dos seus próprios direitos e nem sempre respeitadores dos direitos alheios.

Em uma sociedade onde todos respeitem os direitos alheios não é necessário um Direito estatal, mas esse tempo ainda vai longe, pelo menos a nível de países ocidentais.

Em um país como o Brasil, de cultura predominantemente europeia, criou-se e instituiu-se a mentalidade da exigência de direitos, mas poucos querem assumir deveres, daí surgindo um clima de desorganização, pois a ordem social repousa não nas leis mas na mentalidade ordeira, trabalhadora e cumpridora dos próprios deveres.

Repetimos: não são as leis que fazem um país desse perfil, mas a mentalidade dos cidadãos.

Ao nosso povo, no geral, falta essa mentalidade, que Francisco Xavier notou e teve a bondade de relacionar entre os pontos fracos, que precisam e devem ser trabalhados, a começar por cada pessoa de per si.

Mudarem-se leis, punirem-se faltosos, aumentar os poderes dos servidores da Justiça nada disso soluciona para uma população intrinsecamente desorganizada, pouco inclinada a respeitar os direitos alheios e nem sempre voltada para o ideal nobilitante de ganhar o pão de cada dia com o suor do próprio rosto.

O sonho da riqueza sem trabalho povoa a mente de muitos, que, somados, formam milhões de revoltados com a

contingência de produzir e contribuir, preferindo a ociosidade ou os ganhos sem esforço, quando não flagrantemente ilícitos.

Reflitamos sobre o alerta sutil e amoroso do missionário da mediunidade com Jesus, que trabalhou desde a adolescência em troca de minguados salários, mas sempre honrou o posto de serviço em que auferiu os rendimentos para o próprio sustento.

Vemos nele também o respeito absoluto à ordem constituída, ao direito alheio, ao bem comum e nunca reivindicações pessoais, visando situar-se em patamar superior ao necessário para o cumprimento da sua missão na mediunidade, que foi o grande foco da sua encarnação.

Façamos como ele, respeitando o Direito, as leis do nosso país, as autoridades e pleiteemos o progresso, mas com ordem, com mentalidade pacifista, com desejo de servir ao invés de ser servido.

2 – AMOR À CIÊNCIA

Quantos cientistas temos, no meio de uma população de quase trezentos milhões de habitantes? Não devemos culpar somente os governantes, pois a educação começa nos lares, sob a responsabilidade de pais e mães, que devem, eles próprios, interessar-se pelo estudo da Ciência, mesmo que amadoristicamente, investindo menos tempo nos lazeres da televisão e do futebol, até para induzirem seus filhos a amarem o conhecimento científico, com o qual aperfeiçoa-se a inteligência, descobrindo medicamentos para os males do corpo e fabricando inventos para facilitar a vida das criaturas encarnadas.

Veem-se crianças perdendo tempo valioso em brinquedos eletrônicos, enquanto outras perambulam pelas ruas, a mando de pais e mães que lhes exploram a inocência, exercitando-as na mendicância quando não no tráfico de entorpecentes ou na prostituição.

Adolescentes passam horas ociosamente, quando poderiam ser incentivados ao estudo da Ciência, como acontece em outros países, onde a Educação é a prioridade não só dos governos mas também dos genitores.

É preciso cada dar o exemplo de dedicação ao próprio desenvolvimento intelectual, pois o mundo se muda com livros, como diziam Castro Alves e Monteiro Lobato.

Não sejamos tanto o país do futebol e do carnaval, mas sim uma terra onde a Ciência tenha lugar de destaque, a fim de não continuarmos como colônias de países onde o nível cultural é mais apurado.

Valorizemos nossos próprios cientistas, sem nacionalismo exclusivista, e formemos novas gerações de cientistas, para não sermos mais o “*país do futuro*”.

3 – AMOR À FILOSOFIA

Filosofia é uma das expressões mais desvirtuadas com o decurso do tempo e, principalmente, pelo materialismo que passou a predominar no mundo ocidental a partir do século XIX.

Se tivemos dois gigantes da filosofia em Pitágoras e Sócrates na antiguidade e Voltaire e Rousseau no período conhecido como Iluminismo, vimos, depois, uma sucessão de pensadores pessimistas, derrotistas, altamente maléficos para a humanidade, pois lhe inoculou o veneno da descrença em tudo, até no Bem, que sempre foi a bandeira dos verdadeiros pensadores.

O Brasil teve pensadores de vulto como Alceu Amoroso Lima e Darcy Ribeiro, além de Huberto Rohden, mas precisamos priorizar o estudo de suas obras, altamente construtivas, porque fundadas no idealismo mais puro.

Infelizmente, se os próprios genitores não se interessam pelos temas filosóficos de pensadores desse quilate, como esperarmos que adolescentes e jovens descubram-nos por iniciativa própria?

As escolas também abordam a Filosofia com um tremendo descompromisso moral, como quem quer ficar livre de um incômodo compromisso.

Assim, vemos um povo sem nenhuma bagagem filosófica, perdido nas ideologias do “*viver e deixar viver*”, o que se traduz, em outras palavras, em nenhum amor à pátria, ao ideal de servir, à sinceridade com a própria consciência.

Filosofar tem sido considerada uma ocupação risível, coisa de desocupados ou pessoas que não têm nada melhor para fazer, porque o objetivo é ganhar dinheiro, adquirir poder e desperdiçar tudo no consumismo importado dos grandes grupos da economia multinacional ou tornar-se usurário.

Filosofar para que, se não dá dinheiro?: essa é a ideologia praticada pelo nosso povo, que, com isso, se desmerece frente a estrangeiros dados à reflexão, como os

amarelos, os indígenas conscientes da sua cultura e os indianos.

Temos de aprender o valor da reflexão, que é de extrema utilidade até para se viver melhor, sem a ansiedade que domina a muitos na luta pelo pão de cada dia.

4 – AMOR À ARTE ERUDITA

Não é pelo fato de ser uma manifestação de Arte erudita que seu valor construtivo será maior que uma manifestação tida como popular, mas sim seu aspecto civilizador, transformador do ser humano em uma criatura mais sensível ao Belo e ao Bom.

Há artistas do Bem e artistas do Mal, podemos dizer assim.

Mas a Arte erudita tem seus méritos, porque é mais elaborada e deveria ser conhecida por todos, como manifestação de uma inteligência superior.

Sem deixar de lado os trabalhos da Arte popular, que merecem incentivo e respeito, devemos valorizar também aqueles que passam anos incontáveis aperfeiçoando uma técnica mais refinada.

Aumentar o número de escolas de Arte erudita deveria ser o objetivo dos governantes e do povo em geral, sendo todos responsáveis pelo pouco brilho do nosso renome a nível internacional, nesse aspecto.

Aprenda-se, se possível, uma modalidade artística com os professores mais qualificados, para não estarmos dependendo apenas de algumas genialidades, que surgem no meio da multidão, sem contar, muitas vezes, com o apoio necessário, tendo de lutar com dificuldades decorrentes do próprio meio adverso onde nasceram e vivem.

Esse é o nosso Brasil, em que apenas o futebol e o carnaval têm destaque.

5 – AMOR AO TRABALHO

Há uma fala de Francisco Xavier muito delicada, do seu jeitinho mineiro, alertando as pessoas para a necessidade do trabalho, como única forma de se combater a miséria e as dificuldades que o nosso povo vive.

Realmente, o número de desocupados é muito grande, daqueles que sobrevivem à custa de parentes idosos ou de aposentadorias por doenças imaginárias e outras brechas encontradas na legislação previdenciária ou trabalhista.

Vemos japoneses trabalhando até idade avançada, o mesmo fazendo outros imigrantes que aqui chegam sem recurso algum e, daí a algum tempo, já têm recursos razoáveis, formado à custa do suor do rosto e não de ajudas de filantropos ou entidades governamentais.

A cultura do trabalho, infelizmente, não é ensinada nas escolas e mesmo muitos genitores induzem seus filhos à ociosidade, ao consumismo e ao desrespeito a quem trabalha.

Dever-se-ia priorizar o ensino profissionalizante, ao invés das carreiras que dependem da frequência aos bancos universitários, porque, no Brasil, há doutores demais e poucos técnicos, gerando um desequilíbrio que uma geração não conseguirá resolver.

Todos querem ser médicos, juízes, engenheiros, infelizmente, para trabalharem pouco, na crença de que isso é possível, mal sabendo que esses profissionais têm de se preparar durante anos a fio e, depois, continuarem se aperfeiçoando pelo resto da vida.

Ninguém é menor pelo fato de ser um técnico ao invés de “*doutor*”, pois o que conta, realmente, é a capacidade produtiva de cada um no dia a dia de surpresas e problemas que surgem inesperadamente no exercício de qualquer profissão.

Se a teoria é importante, ela nenhuma utilidade tem sem a prática.

Precisamos de implantar a cultura do trabalho, desligando-nos da mentalidade que vigorou até fins do século

XIX, quando só os escravos, praticamente, trabalhavam, ficando o restante da população à espera de ser servida na mão pelos sacrificados filhos da África.

6 – AMOR À EDUCAÇÃO

Educar, mais do que instruir nos conhecimentos que se constituirão na futura profissão, é ensinar o ser humano a seguir o caminho do Bem.

Instruir nem sempre é educar, pois há muita gente culta agindo de forma contrária aos mínimos princípios de auto respeito e respeito ao próximo e a Deus.

As escolas não educam, mas simplesmente instruem, sendo, talvez, a única Pedagogia realmente educadora aquela instituída por Sathya Sai Baba, que se constitui em todos os alunos aprenderem a prestação de serviços à comunidade onde vivem: essa, sim, é a Educação, pois que treina os seres humanos, desde a infância a servir aos semelhantes.

Nunca houve quem fosse melhor pedagogo prático do que esse grande missionário de Jesus nascido na Índia.

Os genitores que queiram educar seus filhos no sentido mais elevado da palavra ensinam-nos a servir ao próximo, que essa terá sido a melhor educação que lhes darão, acima de muitos diplomas e certificados, que, muitas vezes, apenas aumentam o orgulho, o egoísmo e a vaidade.

Precisamos, no Brasil, multiplicar o número de escolas que adotam essa Pedagogia, porque contam nos dedos de uma mão, enquanto que as escolas que apenas instruem para a vida profissional contam-se aos milhares.

Pestalozzi foi um grande educador, porque ensinava mais ou menos nesses termos, apenas com a diferença de não ter conseguido tanta repercussão quanto Baba, porque contava com poucos adeptos, o que não acontecia com Baba, que tem milhões de adeptos no mundo inteiro.

Tanto as escolas públicas quanto as particulares não estão valorizando o amor à pátria, que é uma espécie de compromisso de servir à coletividade em que se nasceu.

É notável a frase de John Kennedy a esse respeito: “*Não pergunte o que seu país pode fazer por você, mas o que você pode fazer pelo seu país.*”

Nossas crianças, jovens e adultos normalmente não amam o Brasil e consideram-no um país secundário, dominados pela propaganda que outros países fazem de si próprios.

Tudo aqui é importado, inclusive a Cultura, esquecendo-nos de que temos quinze mil anos de História, antes da chegada dos colonizadores portugueses, que devastaram essa cultura, reduzindo-a a muito pouco.

Reativemos nossa autonomia no pensar, no conhecimento das nossas raízes, na valorização da nossa capacidade criadora, porque Brasília é um exemplo disso, fruto não da vontade de um homem, mas produto do esforço de milhões de brasileiros.

Acreditemos em nós mesmos como nação destinada por Jesus a ser o Coração do Mundo, a Pátria do Evangelho.

Não iremos disputar em poderio militar, mas temos um trabalho a cumprir de ordem prática, na crença na vida eterna e no contato diuturno e consciente entre vivos e mortos, quer dizer aqueles que envergam um corpo e carne e aqueles outros que se desvencilharam dele.

A educação é tudo isso e não apenas a realização de obras de Engenharia, os prodígios da Medicina e outras tantas coisas do mundo terreno.

As escolas de espiritualização têm um papel importante na vida do nosso povo, enquanto que há povos materialistas, como são muitos dos nossos irmãos europeus, que em nada creem, a não ser nos valores materiais.

Educação é preparar as novas gerações para as tarefas da propagação da crença nesses dois segmentos do aperfeiçoamento espiritual, mas não deixemos que o futuro nos alcance de mãos vazias: façamos aqui e agora, hoje, amanhã, todos os dias, aperfeiçoando nosso íntimo com novas virtudes e ajudando outros a enxergarem o caminho do desenvolvimento do poder mental no Bem, que é a nova proposta de Jesus em lugar da tradicional burocracia de um religiosismo exterior.

7 – AMOR À HISTÓRIA

Alguém já disse que somos um povo sem história, mas isso são apenas induções das multinacionais, interessadas em vender-nos a alienação, o descaso pelo nosso próprio valor como povo, para implantar o consumismo, que lhes dá grossos lucros financeiros.

A falta de noção de nacionalidade no sentido mais elevado da palavra faz com que não valorizemos nossa história, pois, como repetimos várias vezes, temos quinze milênios de história, que deve ser conhecida e divulgada, repetida de boca em boca, aprendida nos bancos escolares, ao invés de termos vergonha da Cultura Indígena, que é a nossa origem como povo.

Muitos povos europeus se orgulham da sua origem celta, outros cultuam a Mitologia Nórdica ou Germânica e assim por diante.

Quanto a nós, por uma imposição alienante, acreditamos que somos europeus, quando, na verdade, somos indígenas descaracterizados, envergonhando-nos de uma coisa que deveria nos honrar, pois a Cultura Indígena é muito rica em várias áreas, mas, sobretudo, no conhecimento da Natureza e na religiosidade, principalmente, no intercâmbio com o mundo espiritual.

8 – AMOR À CULTURA

A Cultura, no seu sentido amplo, engloba todos os ramos do conhecimento: Ciência, Filosofia, Religião e Arte.

A vida de cada um deve ser rica de Cultura, considerando-se o interesse que devemos ter pelo nosso desenvolvimento intelectual e espiritual.

Não devemos nos restringir ao que as escolas ensinam, mas procurar a Cultura em toda parte, no dia a dia, aprimorando-nos por esforço próprio, para sermos perfeitos, como Jesus aconselhou, mesmo sabendo que a perfeição se perde no rumo do infinito.

9 – RESPEITO AO DEVER

Para enriquecer nosso estudo sobre a questão do dever, vamos transcrever um trecho do Almanaque Abril 2001:

“O hinduísmo distingue quatro metas na vida humana: kama (prazer físico), artha (prosperidade), dharma (condutas e deveres morais definidos pela casta do indivíduo e pelo dharma universal) e moksha (iluminação). As quatro metas têm relação com quatro etapas da vida ou ashramas, do nascimento à morte: na infância, estudar os Vedas e preparar-se para a vida; depois, casar-se e constituir família; aposentar-se do trabalho e desligar-se das posses materiais; e, na velhice, concentrar-se na busca religiosa.”

Podemos perceber, claramente, a predominância dos deveres na vida dos adeptos do hinduísmo, que constituem quase noventa por cento da população da Índia.

Cada um cumprindo seus deveres gera um sociedade menos cheia de problemas do que uma outra em que se pleiteiam apenas direitos, porque todos vão querer benesses e nenhuma obrigação.

Já dizia um jurista antigo que toda lei é boa quando todos a cumprem e respeitam, o que, na verdade, é uma verdade relativa, mas serve para demonstrar que todos devemos seguir o caminho do dever, a fim de uns respeitarem os outros.

Na Índia, por exemplo, não há tantos crimes quanto aqui, porque cada indivíduo está vivendo em função dos seus deveres, ao contrário da nossa realidade, onde muitos vivem do tráfico de drogas, outros da ociosidade remunerada ou não e quantos odeiam o trabalho, como se fosse uma condenação e não uma bênção.

10 – RESPEITO À DISCIPLINA

Este é um dos pontos nevrálgicos da índole dos brasileiros, para quem a liberdade costuma ser tido como um ente absoluto, uma vez que poucos se dispõem a obedecer aos pais, aos superiores hierárquicos e até à própria consciência.

É necessário cada um auto disciplinar-se primeiro, para depois atender à necessidade da disciplina externa, como elemento integrante de um grupo nacional.

Sem disciplina interna ninguém consegue organizar a própria vida e, muito menos, formar, com as demais pessoas, um grupo unido, seja no sentido microscópico, seja no sentido de um povo.

Por isso a desorganização, o descontrole, a corrupção, o crime organizado, tudo causado pelo desrespeito à disciplina, numa sociedade onde cada um se julga no direito de fazer apenas o que lhe interessa, sem nenhum pensamento no sentido do bem estar da coletividade.

Os japoneses, os alemães e outros povos são disciplinados interna e externamente, sendo que, por isso, depois do quase arrasamento das suas nações, ao final da Segunda Guerra Mundial, ressurgiram das cinzas, como a fênix mitológica, e estão fortes e vivos como antes.

Devemos aprender a disciplina, como indivíduos e como povo, sem necessidade de coerção eterna, mas por imposição da própria vontade individual, cada qual organizando-se em função do compromisso com sua própria ordem interna de cumprir suas metas morais, de trabalho, de estudo e tudo que signifique mudança para atingir o ideal de cidadãos, homens e mulheres de bem.

11 – RESPEITO À HONRA

A honra não significa, como acontecia em tempos passados, duelar com seus adversários e matar ou morrer, mas ser digno da cidadania e da religiosidade que se diz ter.

Isso é a honra no sentido mais elevado da palavra, aquela que faz com que cada um seja respeitável perante si próprio, sua consciência, e toda a coletividade, sem importar se somos pobres ou ricos, intelectualizados ou analfabetos, adeptos de uma corrente religiosa ou optantes pelo ateísmo.

A honra está na postura digna de um ser humano cumpridor dos seus deveres como homem e cidadão.

Há pessoas destacadas na sociedade que não têm honra e há simples trabalhadores assalariados que têm honra.

Aprendamos, como indivíduos e como povo, a ser honrados.

12 – RESPEITO AOS ANCIÃOS

Nossos homens e mulheres de sessenta anos de idade são tidos, pela lei, como anciãos, talvez pela noção incrustada na mentalidade geral de que trabalhar é sacrificial, desagradável, incomodativo, sendo que deveria ser considerado ancião apenas quem estivesse na faixa dos oitenta janeiros, pois haveria sempre atividades menos pesadas a serem pelas pessoas com mais de sessenta anos.

Milhões de aposentados sobrecarregam o erário público, contribuindo para a pobreza, tudo isso pela quase aversão ao trabalho, que nos caracteriza como indivíduos e como povo.

Efetivamente, há muito que melhorarmos, para não acontecer de, como povo, virmos a falhar, como nossos irmãos europeus falharam, e Jesus delegar a flâmula de Coração do Mundo e Pátria do Evangelho a outro povo, talvez os que venham a habitar o polo norte ou o polo sul, atualmente inabitáveis, pois assim aconteceu com os judeus, que, mesmo recebendo a Mensagem de Moisés, falharam na divulgação da Lei de Deus, com os cristãos do Catolicismo e do Protestantismo, que se guerrearam e vem se guerreando e, agora, com a geração de kardecistas, que estão deixando passar muitas oportunidades, de desenvolvimento do poder mental no Bem, em troca de disputas internas por posições de comando, repetindo as falhas do Judaísmo, do Catolicismo e do Protestantismo.

Os anciãos devem ser valorizados, como na Índia e no Japão, como sábios, pessoas calejadas pela experiência de uma vida longa, voltada para o estudo da Religião e dedicação ao cumprimento dos deveres.

Mas nossos anciãos são homens e mulheres de sessenta anos, que não se dedicaram, no geral, à religiosidade e viveram em função apenas das materialidades.

13 – RESPEITO ÀS TRADIÇÕES MILENARES

Engana-se redondamente quem acha que o Brasil não tem tradições multimilenárias, considerando a nossa História apenas de 1500 para frente, pois a civilização indígena já existia em terras brasileiras há cerca de quinze mil anos, quando ainda vicejavam as culturas dos desaparecidos continentes da Atlântida, da Lemúria e de Mu, ligando-se os povos da humanidade inteira pelo intercâmbio permanente, uma vez que a estreita faixa marítima que os separava permitia a navegação relativamente fácil de um continente a outro.

Assim é que os indígenas das três Américas atuais viviam no mesmo nível de civilização dos demais povos do planeta, nivelando-se todos pelas informações científicas, filosóficas, artísticas e religiosas.

Infelizmente, hoje em dia, com a predominância das culturas europeia e norte americana, os conhecimentos dos nossos indígenas, bem como os dos demais nativos dos países da América, têm sido ignorados e tratados como primitivos, indignos de serem estudados nas universidades, apesar de sabermos que, em grande parte, superam os estudos acadêmicos, pois copiam os padrões da Natureza, que é mais sábia do que qualquer genialidade humana, uma vez que a Natureza representa a Obra de Deus.

O Brasil tem, na verdade, quinze milênios de História e Cultura e não apenas quinhentos anos, o mesmo se dizendo do Peru, do México, da Bolívia, Estados Unidos e outros países americanos.

As universidades deveriam criar cadeiras dedicadas à Cultura Indígena, o que, infelizmente, até hoje não aconteceu, mas, na certa, ocorrerá, quando a Terra passar a mundo de regeneração, pois os conhecimentos desses povos são um patrimônio de toda a humanidade, que aprenderá a ver na Natureza uma fonte inesgotável de informações e aperfeiçoamento humano.

Temos certeza de que isso se transformará numa realidade, pois os povos vermelhos trouxeram o incremento da espiritualização, que segue seu curso pela integração com a Natureza.

Comecemos, porém, desde hoje, essa caminhada, a do retorno à Natureza, pois tudo que Deus criou é perfeito, bastando aos seres humanos imitar esses padrões ao invés de subvertê-los.

CONCLUSÃO

Se nos basearmos, por exemplo, na programada ordem dos deveres dos hinduístas, que chegam à cifra de mais ou menos um bilhão dos habitantes da Índia, veremos que não estamos realizando à altura dos nossos compromissos espirituais, a nós confiados, por Jesus, aquilo que nos compete realizar, ou seja, o testemunho da vida após a morte do corpo e o contato entre encarnados e desencarnados.

Ter uma tarefa nobre, pela condição de desempenhá-la, não significa superioridade, se não a cumprimos e, infelizmente, é o que quem aconteceu com a maior parte da nossa população, distraída com os interesses puramente materiais.

Podemos dizer, sem medo de errar, que, como povo, estamos praticamente falhando no compromisso com Jesus.

Tomara que as novas gerações sejam mais sérias que a atual nesse ponto, pois, no meio de uns e outros que estão cumprindo seus deveres para com a Espiritualidade e, principalmente com Jesus, a esmagadora maioria praticamente já desperdiçou a oportunidade de ensinar ao mundo a crença na sobrevivência do espírito e sua comunicabilidade com o mundo dos encarnados.

Que cada um, então, individualmente, cumpra seus deveres, porque, como coletividade, está muito mais difícil e, com isso, o ingresso da Terra no *status* de mundo de regeneração deverá ser retardado, porque Jesus não pode violentar o livre arbítrio das criaturas humanas, que, no geral, estão preferindo sintonizar com o padrão de mundo de provas e expiações, daí tantos sofrimentos individuais e coletivos.

Que Jesus consiga, por alguma forma, convencer estas rebeldes criaturas a optar pelo cumprimento das suas promessas espirituais.

NOTAS

[1] Nota do livro *“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”*, de Humberto de Campos:

“O CORAÇÃO DO MUNDO

O mundo político e social do Ocidente encontra-se exausto.

Desde as pregações de Pedro, o eremita, até a morte do Rei Luís IX, diante de Túnis, acontecimento que colocara um dos derradeiros marcos nas guerras das Cruzadas, as sombras da idade medieval confundiram as lições do Evangelho, ensanguentando todas as bandeiras do mundo cristão.

Foi após essa época, no último quartel do século XIV, que o Senhor desejou realizar uma de suas visitas periódicas à Terra, a fim de observar os progressos de sua doutrina e de seus exemplos no coração dos homens.

Anjos e Tronos lhe formavam a corte maravilhosa. Dos céus à Terra, foi colocado outro símbolo da escada infinita de Jacó, formado de flores e de estrelas cariciosas, por onde o Cordeiro de Deus transpôs as imensas distâncias, clarificando os caminhos cheios de treva. Mas, se Jesus vinha do coração luminoso das esferas superiores, trazendo nos olhos misericordiosos a visão dos seus impérios resplandecentes e na alma profunda o ritmo harmonioso dos astros, o planeta terreno lhe apresentava ainda aquelas mesmas veredas escuras, cheias da lama da impenitência e do orgulho das criaturas humanas, e repletas dos espinhos da ingratidão e do egoísmo. Embalde seus olhos compassivos procuraram o ninho doce do seu Evangelho; em vão procurou o Senhor os remanescentes da obra de um de seus últimos enviados à face do orbe terrestre. No coração da Úmbria haviam cessado os cânticos de amor e de fraternidade cristã. De Francisco de Assis só haviam ficado as tradições de carinho e de bondade; os pecados

do mundo, como novos lobos de Gúbio, haviam descido outra vez das selvas misteriosas das iniquidades humanas, roubando às criaturas a paz e aniquilando-lhes a vida.

— Helil — disse a voz suave e meiga do Mestre a um dos seus mensageiros, encarregado dos problemas sociológicos da Terra —, meu coração se enche de profunda amargura, vendo a incompreensão dos homens, no que se refere às lições do meu Evangelho. Por toda parte é a luta fratricida, como polvo de infinitos tentáculos, a destruir todas as esperanças; recomendei-lhes que se amassem como irmãos, e vejo-os em movimentos impetuosos, aniquilando-se uns aos outros como Cains desvairados.

— Todavia — replicou o emissário solícito, como se desejasse desfazer a impressão dolorosa e amarga do Mestre —, esses movimentos, Senhor, intensificaram as relações dos povos da Terra, aproximando o Oriente e o Ocidente, para aprenderem a lição da solidariedade nessas experiências penosas; novas utilidades da vida foram descobertas; o comércio progrediu além de todas as fronteiras, reunindo as pátrias do orbe. Sobretudo, devemos considerar que os príncipes cristãos, empreendendo as iniciativas daquela natureza, guardavam a nobre intenção de velar pela paisagem deliciosa dos lugares santos.

— Mas — retornou tristemente a voz compassiva do Cordeiro —, qual o lugar da Terra que não é santo? Em todas as partes do mundo, por mais recônditas que sejam, paira a bênção de Deus, convertida na luz e no pão de todas as criaturas. Era preferível que Saladino⁵ guardasse, para sempre, todos os poderes temporais na Palestina, a que caísse um só dos fios de cabelo de um soldado, numa guerra incompreensível por minha causa, que, em todos os tempos, deve ser a do amor e da fraternidade universal.

E, como se a sua vista devassasse todos os mistérios do porvir, continuou:

— Infelizmente, não vejo senão o caminho do sofrimento para modificar tão desoladora situação. Aos feudos de agora, seguir-se-ão as coroas poderosas e, depois dessa concentração de autoridade e de poder, serão os embates da ambição e a carnificina da inveja e da felonía, pelo predomínio do mais forte.

A amargura divina empolgara toda a formosa assembleia de querubins e arcanjos. Foi quando Helil, para renovar a impressão ambiente, dirigiu-se a Jesus com brandura e humildade:

— Senhor, se esses povos infelizes, que procuram na grandeza material uma felicidade impossível, marcham irremediavelmente para os grandes infortúnios coletivos, visitemos os continentes ignorados, onde espíritos jovens e simples aguardam a semente de uma vida nova. Nessas terras, para além dos grandes oceanos, poderíeis instalar o pensamento cristão, dentro das doutrinas do amor e da liberdade.

E a caravana fulgurante, deixando um rastro de luz na imensidade dos espaços, encaminhou-se ao continente que seria, mais tarde, o mundo americano.

O Senhor abençoou aquelas matas virgens e misteriosas. Enquanto as aves lhe homenageavam a inefável presença com seus cantares harmoniosos, as flores se inclinavam nas árvores ciclópicas, aromatizando-lhe as eterizadas sendas. O perfume do mar casava-se ao oxigênio agreste da selva bravia, impregnando todas as coisas de um elemento de força desconhecida. No solo, eram os silvícolas humildes e simples, aguardando uma era nova, com o seu largo potencial de energia e bondade.

Cheio de esperanças, emociona-se o coração do Mestre, contemplando a beleza do sublimado espetáculo.

— *Helil* — pergunta ele —, onde fica, nestas terras novas, o recanto planetário do qual se enxerga, no infinito, o símbolo da redenção humana?

— *Esse lugar de doces encantos, Mestre, de onde se veem, no mundo, as homenagens dos céus aos vossos martírios na Terra, fica mais para o sul.*

E, quando no seio da paisagem repleta de aromas e de melodias, contemplavam as almas santificadas dos orbes felizes, na presença do Cordeiro, as maravilhas daquela terra nova, que seria mais tarde o Brasil, desenhou-se no firmamento, formado de estrelas rutilantes, no jardim das constelações de Deus, o mais imponente de todos os símbolos.

Mãos erguidas para o Alto, como se invocasse a bênção de seu Pai para todos os elementos daquele solo extraordinário e opulento, exclama então Jesus:

— *Para esta terra maravilhosa e bendita será transplantada a árvore do meu Evangelho de piedade e de amor. No seu solo dadivoso e fertilíssimo, todos os povos da Terra aprenderão a lei da fraternidade universal. Sob estes céus serão entoados os hosanas mais ternos à misericórdia do Pai Celestial. Tu, Helil, te corporificarás na Terra, no seio do povo mais pobre e mais trabalhador do Ocidente; instituirás um roteiro de coragem, para que sejam transpostas as imensidades desses oceanos perigosos e solitários, que separam o velho do novo mundo. Instalaremos aqui uma tenda de trabalho para a nação mais humilde da Europa, glorificando os seus esforços na oficina de Deus. Aproveitaremos o elemento simples de bondade, o coração fraternal dos habitantes destas terras novas, e, mais tarde, ordenarei a reencarnação de muitos Espíritos já purificados no sentimento da humildade e da mansidão, entre as raças oprimidas e sofredoras das regiões africanas, para formarmos o pedestal de solidariedade do povo fraterno que aqui florescerá, no futuro, a fim de exaltar o meu*

Evangelho, nos séculos gloriosos do porvir. Aqui, Helil, sob a luz misericordiosa das estrelas da cruz, ficará localizado o coração do mundo!

Consoante a vontade piedosa do Senhor, todas as suas ordens foram cumpridas integralmente.

Daí a alguns anos, o seu mensageiro se estabelecia na Terra, em 1394, como filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, e foi o heroico Infante de Sagres, que operou a renovação das energias portuguesas, expandindo as suas possibilidades realizadoras para além dos mares.

O elemento indígena foi chamado a colaborar na edificação da pátria nova; almas bem-aventuradas pelas suas renúncias se corporificaram nas costas da África flagelada e oprimida e, juntas a outros Espíritos em prova, formaram a falange abnegada que veio escrever na Terra de Santa Cruz, com os seus sacrifícios e com os seus sofrimentos, um dos mais belos poemas da raça negra em favor da humanidade.

Foi por isso que o Brasil, onde confraternizam hoje todos os povos da Terra e onde será modelada a obra imortal do Evangelho do Cristo, muito antes do Tratado de Tordesilhas, que fincou as balizas das possessões espanholas, trazia já, em seus contornos, a forma geográfica do coração do mundo.

A PÁTRIA DO EVANGELHO

D. Henrique de Sagres abandonou as suas atividades na Terra em 1460. Estava realizado, em linhas gerais, o seu grande destino. Da sua casa modesta da Vila Nova do Infante, onde se encontra ainda hoje uma placa comemorativa, como perene homenagem ao grande navegador, desenvolvera ele, no mundo inteiro, um sentimento novo de amor ao desconhecido. Desde a expedição de Ceuta, o Infante deixou transparecer, em vários documentos que se perderam nos arquivos da Casa de Avis, que tinha a certeza da existência das terras

maravilhosas, cuja beleza haviam contemplado os seus olhos espirituais, no passado longínquo.

Toda a sua existência de abnegação e ascetismo constituía uma série de relâmpagos luminosos no mundo de suas recordações. A prova de que os seus estudos particulares falavam da terra desconhecida é que o mapa de André Bianco, datado de 1448, mencionava uma região fronteira à África. Para os navegadores portugueses, portanto, a existência da grande ilha austral já não era assunto ignorado.

Novamente no Além, o antigo mensageiro do Mestre não descansou, chamando a colaborar com ele numerosas falanges de trabalhadores devotados à causa do Evangelho do Senhor. Procura influenciar sobre o curto reinado de D. Duarte estendendo, com os seus cooperadores, essa mesma atuação ao tempo de D. Afonso V, sem lograr uma ação decisiva a favor das empresas esperadas.

Aproveitando o sonho geral dos tesouros das índias, a personalidade do Infante se desdobra, com o objetivo de descortinar o continente novo ao mundo político do Ocidente. Enquanto a sua atuação encontra fraco eco junto às administrações de sua terra, o povo de Castela começa a preocupar-se seriamente com as ideias novas, lançando-se à disputa das riquezas entrevistas. Eleva-se então ao poder D. João II, cujo reinado se caracterizou pela previdência e pela energia realizadora. Junto do seu coração, o emissário invisível encontra grandes aspirações, irmãs das suas. O Príncipe Perfeito torna-se o dócil instrumento do mensageiro abnegado. A mesma sede de além lhe devora o pensamento. Expedições diversas se organizam. O castelo de São Jorge é fundado por Diogo de Azambuja, na Costa da Mina; Diogo Cão descobre toda a costa de Angola; por toda parte, sob o olhar protetor do grande rei, aventuram-se os expedicionários. Mas o espírito, em todos os planos e

circunstâncias da vida, tem de sustentar as maiores lutas pela sua purificação suprema. Entidades atrasadas na sua carreira evolutiva se unem contra as realizações do príncipe ilustre. Depois do desastre no Campo de Santarém, no qual o filho perde a vida em condições trágicas, surgem outras complicações entre a sua direção justiceira e os nobres da época, e D. João II morre envenenado em Alvor, no ano de 1495.

Todavia, os planos da Escola de Sagres estavam consolidados. Com a ascensão de D. Manuel I ao poder, nada mais se fez que atingir o fim de longa e laboriosa preparação. Em 1498, Vasco da Gama descobre o caminho marítimo das índias e, um pouco mais tarde, Gaspar de Corte Real descobre o Canadá. Todos os navegadores saem de Lisboa com instruções secretas quanto à terra desconhecida, que se localizava fronteira à África e que já havia sido objeto de protesto de D. João contra a bula de Alexandre VI, que pretendia impor-lhe restrições ao longo do Atlântico, por sugestão dos reis católicos da Espanha.

No dia 7 de março de 1500, preparada a grande expedição de Cabral ao novo roteiro das índias, todos os elementos da expedição, encabeçados pelo capitão-mor, visitaram o Paço de Alcáçova, e na véspera do dia 9, dia este em que se fizeram ao mar, imploraram os navegadores a bênção de Deus, na ermida do Restelo, pouso de meditação que a fé sincera de D. Henrique havia edificado. O Tejo estava coberto de embarcações engalanadas e, entre manifestações de alegria e de esperança, exaltava-se o pendão glorioso das quinas.

No oceano largo, o capitão-mor considera a possibilidade de levar a sua bandeira à terra desconhecida do hemisfério sul. O seu desejo cria a necessária ambientação ao grande plano do mundo invisível. Henrique de Sagres aproveita esta maravilhosa possibilidade. Suas falanges de navegadores do Infinito

se desdobram nas caravelas embandeiradas e alegres. Aproveitam-se todos os ascendentes mediúnicos. As noites de Cabral são povoadas de sonhos sobrenaturais e, insensivelmente, as caravelas inquietas cedem ao impulso de uma orientação imperceptível. Os caminhos das índias são abandonados. Em todos os corações há uma angustiosa expectativa. O pavor do desconhecido empolga a alma daqueles homens rudes, que se viam perdidos entre o céu e o mar, nas imensidades do Infinito. Mas, a assistência espiritual do mensageiro invisível, que, de fato, era ali o divino expedicionário, derrama um clamor de esperança em todos os ânimos. As primeiras mensagens da terra próxima recebem-nas com alegria indizível. As ondas se mostram agora, amiúde, qual colcha caprichosa de folhas, de flores e de perfumes. Avistam-se os píncaros elegantes da plaga do Cruzeiro e, em breves horas, Cabral e sua gente se reconfortam na praia extensa e acolhedora. Os naturais os recebem como irmãos muito amados. A palavra religiosa de Henrique Soares, de Coimbra, eles a ouvem com veneração e humildade. Colocam suas habitações rústicas e primitivas à disposição do estrangeiro e reza a crônica de Caminha que Diogo Dias dançou com eles nas areias de Porto Seguro, celebrando na praia o primeiro banquete de fraternidade na Terra de Vera Cruz.

A bandeira das quinas desfralda-se então gloriosamente nas plagas da terra abençoada, para onde transplantara Jesus a árvore do seu amor e da sua piedade, e, no céu, celebra-se o acontecimento com grande júbilo. Assembleias espirituais, sob as vistas amorosas do Senhor, abençoam as praias extensas e claras e as florestas cerradas e bravias. Há um contentamento intraduzível em todos os corações, como se um pombo simbólico trouxesse as novidades de um mundo mais firme, após novo dilúvio.

Henrique de Sagres, o antigo mensageiro do Divino Mestre, rejubila-se com as bênçãos recebidas do céu. Mas, de alma alarmada pelas emoções mais carinhosas e mais doces, confia ao Senhor as suas vacilações e os seus receios:

— Mestre — diz ele —, graças ao vosso coração misericordioso, a terra do Evangelho florescerá agora para o mundo inteiro. Dai-nos a vossa bênção para que possamos velar pela sua tranquilidade, no seio da pirataria de todos os séculos. Temo, Senhor, que as nações ambiciosas matem as nossas esperanças, invalidando as suas possibilidades e destruindo os seus tesouros...

Jesus, porém, confiante, por sua vez, na proteção de seu Pai, não hesita em dizer com a certeza e a alegria que traz em si:

— Helil, afasta essas preocupações e receios inúteis. A região do Cruzeiro, onde se realizará a epopeia do meu Evangelho, estará, antes de tudo, ligada eternamente ao meu coração. As injunções políticas terão nela atividades secundárias, porque, acima de todas as coisas, em seu solo santificado e exuberante estará o sinal da fraternidade universal, unindo todos os espíritos. Sobre a sua volumosa extensão pairará constantemente o signo da minha assistência compassiva e a mão prestigiosa e potentíssima de Deus pousará sobre a terra de minha cruz, com infinita misericórdia. As potências imperialistas da Terra esbarrarão sempre nas suas claridades divinas e nas suas ciclópicas realizações. Antes de o estar ao dos homens, é ao meu coração que ela se encontra ligada para sempre.

Nos céus imensos, havia clarões estranhos de uma bênção divina. No seu sólio de estrelas e de flores, o Supremo Senhor sancionara, por certo, as bondosas promessas de seu Filho.

E foi assim que o minúsculo Portugal, através de três longos séculos, embora preocupado com as fabulosas riquezas das índias, pôde conservar, contra flamengos e ingleses, franceses e espanhóis, a unidade territorial de uma pátria com oito milhões e meio de quilômetros quadrados e com oito mil quilômetros de costa marítima. Nunca houve exemplo como esse em toda a história do mundo. As possessões espanholas se fragmentaram, formando cerca de vinte repúblicas diversas. Os Estados americanos do norte devem sua posição territorial às anexações e às lutas de conquista. A Louisiana, o Novo México, o Alasca, a Califórnia, o Texas, o Oregon, surgiram depois da emancipação das colônias inglesas. Só o Brasil conseguiu manter-se uno e indivisível na América, entre os embates políticos de todos os tempos. É que a mão do Senhor se alça sobre a sua longa extensão e sobre as suas prodigiosas riquezas. O coração geográfico do orbe não se podia fracionar.

[2] Nota do livro “A Caminho da Luz”, de Emmanuel:

Os operários de Jesus, porém, abstraídos da crítica ou do aplauso do mundo, cumprem os seus grandes deveres no âmbito das novas terras. Sob a determinação superior, organizam as linhas evolutivas das nacionalidades que aí teriam de florescer no porvir. Nesse campo de lutas novas e regeneradoras, todos os Espíritos de boa-vontade poderiam trabalhar pelo advento da paz e da fraternidade do futuro humano, e foi por isso que, laborando para os séculos porvindouros, definiram o papel de cada região no continente, localizando o cérebro da nova civilização no ponto onde hoje se alinham os Estados Unidos da América do Norte, e o seu coração nas extensões da terra farta e acolhedora onde floresce o Brasil, na América do Sul. Os primeiros guardam os poderes materiais; o segundo detém as primícias dos poderes espirituais, destinadas à civilização planetária do futuro.

FIM